



ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA: A UNIÃO NA DIVERSIDADE

Coleção

Encontros da Língua Portuguesa
Madalena Teixeira (Coordenadora)
Inês Silva e Leonor Santos (Subcoordenadoras)

Título

Estudos da Língua Portuguesa - A União na Diversidade

Organização

Madalena Teixeira

Ano

2019

Edição

Instituto Politécnico de Santarém /
Escola Superior de Educação

ISBN

978-972-9434-11-2

Projeto Editorial

Modal Creativity

COLEÇÃO - ENCONTROS DA LÍNGUA PORTUGUESA

MADALENA TEIXEIRA (COORDENADORA) INÊS SILVA E LEONOR SANTOS (SUBCOORDENADORAS)

ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA: A UNIÃO NA DIVERSIDADE

MADALENA TEIXEIRA (ORG.)

A PSICOLINGUÍSTICA: UMA MAIS VALIA PARA O CONHECIMENTO DA LINGUAGEM E DE QUEM A PRÁTICA EM ÁREAS DE INTERESSE NO SÉCULO XXI?

MARIA DA GRAÇA LISBOA CASTRO PINTO⁴

⁴ | UP, Faculdade de Letras, Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos, Universidade do Porto, Portugal. E-mail: mgraca@letras.up.pt

RESUMO

Com o objetivo de mostrar o que a Psicolinguística (Aplicada) representa de mais-valia no século XXI em função dos benefícios que possa trazer para um melhor conhecimento da linguagem e de quem dela tira partido, procurou-se, na mesa-redonda do VI SIMELP subordinada ao tema “Linguística”, tecer, num primeiro momento, algumas considerações de índole terminológica. Distinguiram-se os objetos de estudo da Linguística, da Linguística em Aplicação e da Linguística Aplicada, a fim de se seguir, de modo mais fundamentado e progressivo, para o objeto de estudo da Psicolinguística e da Psicolinguística Aplicada, intentando oferecer a relação esperada entre o presente texto, que tomou por base a comunicação apresentada no referido Simpósio, e o seu título. O trajeto terminológico que se escolheu, acrescido da discussão sobre os termos “aplicado” e “prático”, visa transmitir que, pelo viés da Psicolinguística, se acede ao reconhecimento de que a linguagem é um objeto de estudo complexo e merece uma abordagem que não a minimize. Em resultado da necessidade de estudar sujeitos reais em situações concretas, torna-se um imperativo, por força do recurso à investigação empírica, ver na Psicolinguística uma ciência aplicativa que faculte soluções para a vida real. Com este pano de fundo, elegeu-se, de entre as temáticas que possam vir a ser trabalhadas, na atualidade e no futuro, à luz da Psicolinguística Aplicada, a linguagem do idoso. Espera-se que as pistas lançadas possam vir a ser vantajosas para quem quiser alargar os seus conhecimentos sobre o efeito na linguagem do processo de envelhecimento no Homem.

PALAVRAS-CHAVE

psicolinguística (aplicada); século XXI; mais-valia; aplicado e prático; a linguagem e o envelhecimento

NOTA DE ABERTURA

Nesta nota de abertura, considera-se oportuno justificar o grau de sistematicidade com que ocorrem, ao longo do texto que agora se torna público, determinados autores que, porque foram autoridades marcantes em Psicolinguística, não podiam deixar de ser mencionados com a regularidade que se julgou adequada. A especial insistência em alguns deles em detrimento de outros deve-se, entre outros motivos, à necessidade de responder ao que o título anuncia. Convém, entretanto, assinalar que os autores mais referidos neste texto foram individualidades que, para além de terem legado escritos de leitura obrigatória na área científica em discussão, foram igualmente essenciais na transmissão formal de conhecimentos, enquanto professores, ou na sua partilha em conversas informais, enquanto colegas.

Por razões pessoais, especialistas como Hermina Sinclair, Thomas Sebeok e Tatiana Slama-Cazacu⁵ não poderiam nunca deixar de constar entre os autores achados indispensáveis para sustentar teoricamente o presente trabalho. Os nomes de Thomas Sebeok e de Tatiana Slama-Cazacu aparecem, no entanto, mais frequentemente, na medida em que a trajetória adotada para abordar a temática escolhida os solicita de uma forma mais premente. Em consequência disso e uma vez que o cerne deste texto se afasta da sua especialidade, ou seja, da Psicolinguística Genética, recorre-se naturalmente em menor escala a Hermina Sinclair.

Se, por um lado, é inevitável a alusão a Thomas Sebeok, quando se invoca a origem da Psicolinguística; por outro lado, o nome de Tatiana Slama-Cazacu é incontornável quando se aduz à vertente aplicada da Psicolinguística e ao histórico desta ciência. A forma seminal como incentivou os estudos de Psicolinguística Aplicada e como relatou o trajeto da Psicolinguística, por meio não só de fontes menos acessíveis, mas também de testemunhos pessoais, só pode ser ignorada por quem o faça voluntariamente ou por quem tenha procedido a uma pesquisa bibliográfica pouco séria e menos profunda.

⁵ | A ordem de ocorrência dos nomes citados corresponde à ordem segundo a qual foram conhecidos pessoalmente.

Outros autores são também, como é de esperar, invocados no decurso deste texto a fim de apoiarem a linha argumentativa que se elegeu para defender a posição assumida. Cabe aqui adir, com apoio numa comunicação pessoal do colega Francisco Gomes de Matos, Professor Emérito da Universidade Federal de Pernambuco, que qualquer trabalho científico não é mais do que o espelho das leituras que foram efetivadas e porventura de trocas de impressões havidas sobre o assunto a ser desenvolvido. Ao ter sido conferido a este trabalho um traçado que o pode tornar refém do ponto de vista adotado e dos recursos conseguidos, não é de excluir por completo a possibilidade de este vir a fornecer da matéria em análise uma visão revestida de alguma parcialidade involuntária. O produto final pode, pois, estar ferido de uma ausência de imparcialidade por desconhecimento de outras tantas obras que teriam podido dar do tópico em foco uma leitura diferente, concorrendo, dessa forma, para dele se oferecer uma panorâmica menos fracionária, mais global. Partiu-se do princípio que a recolha bibliográfica assentava na neutralidade objetivada, mas tal não obsta a que a contextualização a que se chegou tenha sido efetivamente a melhor. Além disso, a proximidade a alguns dos autores pode inclusive ter gerado efeitos contraproducentes. Espera-se, apesar de tudo o que foi exposto, que a mensagem contida neste texto cause no leitor o impacto pretendido no que se reporta ao que a Psicolinguística Aplicada pode trazer de positivo nos dias que correm e nas restantes décadas do século XXI.

Em aberto fica igualmente a possibilidade de um qualquer leitor mais propenso a esse tipo de cálculos aplicar às referências que integram este texto a regra 80/20, também conhecida pelo princípio de Pareto, para contabilizar, atestar e confirmar, por essa via, os autores que constituem os verdadeiros pilares do trabalho escrito em apreço, que pretende ser o desenvolvimento por via catafórica do título da comunicação proposta para a mesa-redonda subordinada à Linguística consignada no programa do VI SIMELP, a saber: “A Psicolinguística: uma mais Valia para o Conhecimento da Linguagem e de quem a Prática em Áreas de Interesse no Século XXI?”

DOS OBJETOS DA LINGUÍSTICA, DA LINGUÍSTICA APLICADA, DA LINGUÍSTICA EM APLICAÇÃO E DA PSICOLINGUÍSTICA (APLICADA)

A mesa-redonda onde foi apresentada a comunicação que esteve na base deste texto – que versava a pertinência de uma abordagem psicolinguística às mais diversas atividades e aos seus praticantes no século XXI – tinha como tema geral a Linguística (L). A designação escolhida para identificar esta mesa não só legitima que se comece por consagrar algum espaço a uma análise terminológica que vise delimitar territórios disciplinares, mas também determina a apropriação de uma imagem que Davies (1999) utilizou para distinguir os objetos de estudo da L e da Linguística Aplicada (LA). Expõe então Davies (1999, pp. 95-96)⁶:

Poderíamos sugerir que a linguística olha através de um telescópio segurando a extremidade mais larga junto da vista, focando somente a língua/linguagem e excluindo tudo o resto: os problemas relativos à linguagem são vistos como problemas somente linguísticos. A linguística aplicada olha através de um telescópio com a extremidade mais estreita junto da vista, e assim vê a língua/linguagem como parte do todo. A visão linguística é a visão do laboratório, a visão aplicada é a visão do mundo real.

Tomando de empréstimo a Davies a imagem do telescópio, não é difícil aditar que quem dispuser de uma formação em Psicolinguística (PL) está capacitado para, através desse instrumento devidamente posicionado, lançar um olhar sobre o objeto-linguagem que dele lhe oferte uma visão mais ampla e completa. Uma focalização do objeto-linguagem que não seja só monodisciplinar permitirá, com certeza, captar um enquadramento muito mais englobante do mesmo e também mais condizente com a sua identidade.

⁶ | A tradução das citações presentes neste texto é da responsabilidade da autora do mesmo.

OS TERMOS “APLICADO” E “PRÁTICO”

Por via ainda da terminologia, pode equacionar-se o papel que exerce o epíteto “aplicada” na expressão “linguística aplicada” ao lado de “linguística”. A simples presença de “aplicada” após “linguística” condiciona o escopo da L no sentido do seu alargamento e faz com que não se restrinja unicamente a essa disciplina, ou seja, imprime-lhe, antes, um caráter transdisciplinar. Uma vez admitida a transposição da monodisciplinaridade da LA, é compreensível que se invoque a posição de Slama-Cazacu (1979) segundo a qual quem trabalha em LA – tudo dependendo logicamente, como lembra a autora, do que se entender por essa denominação – só pode lucrar se possuir uma boa formação em PL e em Psicolinguística Aplicada (PLA).

O termo “aplicado” não sem surpresa anda muito agregado a “prático”, tendo em vista que qualquer estudo que envolva uma vertente aplicada acaba por acionar uma conjugação de meios que intenta atingir o que se augura na vida de todos os dias. Por essa razão, Slama-Cazacu (1979, p. 30) aduz que “a LA coloca ênfase sobre a coleta, a descrição e a *elaboração especial* dos fatos da língua com vistas a determinado fim prático”. E esta autora, na esteira de Corder (1973), também deseja ver sublinhada a utilidade da LA na resolução de problemas práticos (Slama-Cazacu, 1979, p. 31, nota 17).

Chegado é o momento de se ir um pouco mais ao cerne do que significam, afinal, “aplicado” e “prático”. Tomando por base a literatura consultada, Bygate (2005) nota que, embora os dois termos não sejam sinónimos, “aplicado” poderá incluir na sua definição “prático”, o que leva a incutir a uma investigação aplicada, sobretudo quando motivada pragmaticamente, um objetivo que ultrapassa a descrição dos problemas do nosso mundo porque também projeta tratá-los.

Tucker (s/d), por seu turno, vê também uma relação entre “aplicado” e “prático” quando comenta que tudo leva a pensar que existe consenso no que respeita ao facto de a aplicação dos resultados e das técnicas da investigação em Linguística e nas disciplinas afins objetivar a resolução de problemas práticos. Neste alinhamento, não será de estranhar que se depare com definições de LA como a seguinte: “A linguística aplicada diz respeito aos temas práticos que envolvem a língua na vida da comunidade.”⁷

⁷ | Passagem extraída da página 1 do documento online da Universidade de Melbourne intitulado What are Linguistics and Applied Linguistics about? (2 p.). Disponível na web em http://www.linguistics.unimelb.edu.au/areas/ling_appling/, acedido em 08-09-2006.

Note-se, todavia, em conformidade com Slama-Cazacu (1979), que não se deve confundir a LA com uma atividade prática que seja motivada pelas situações, porquanto estas devem antes ser conhecidas por intermédio de meios claros e científicos, bem como controladas e dominadas.

Regressando ao parágrafo em que Slama-Cazacu (1979) alerta para o que se pode entender por LA, urge registrar a existência de duas aceções possíveis de LA: por um lado, uma mais unidirecional, apoiada apenas na Linguística, que se traduzirá numa Linguística em Aplicação e, por outro lado, uma leitura mais conducente a uma linguística deveras aplicada, que será obrigatoriamente de índole interdisciplinar (ver também Gomes de Matos, 2000, p. 1286).

Se for convocada, nesta ocasião, a distinção entre a aplicação da linguística (AL) e a linguística aplicada (LA) de Widdowson (1980), adquire o maior relevo trazer a terreiro a expressão “broader church” aplicada à LA por Davies e Elder (2004, pp. 2 e 3) para distinguir esta visão da L de uma abordagem que contemple a aplicação da linguística a problemas de linguagem. A seguinte passagem dos mesmos estudiosos evidencia melhor o que deve ser relevado:

a linguística aplicada olha para fora, para lá da língua numa tentativa de explicar, talvez mesmo de melhorar os problemas sociais, enquanto a aplicação da linguística olha para dentro, preocupada, não com a resolução de problemas «no mundo real», mas com explicar e testar teorias acerca da própria língua (Davies & Elder, 2004, p. 11).

Ressalta da passagem transcrita o lado aplicado, no sentido de prático, inerente à LA, algo que não se constata na aplicação da linguística. Essa faceta prática está patente na observação que se segue de Moita Lopes (2006, p. 35): “Assim, a LA deixa de ser mediadora entre a teoria linguística e a prática e passa a intervir diretamente na prática social, produzindo teoria que dialogue abertamente com ela. É neste sentido que [...] a LA pode revigorar a linguística.” Já Rajagopalan (2006), num tom mais provocador, não exclui que se possa lançar a hipótese de, no futuro, a Linguística, concebida como disciplina progenitora, poder ficar dependente da sua criação, a LA, que, entretanto, pode vir a absorver a argumentação teórica a que não se acha, por via de regra, associada.

No caso de se querer continuar a cotejar a “linguística em aplicação” com a “linguística aplicada”, poderá prosseguir-se, recorrendo a Widdowson (2000), que a intervenção não é alheia a nenhuma delas. Estão, no entanto, em causa

dois modos de intervenção distintos. Sempre segundo a mesma fonte, no atinente à aplicação da linguística (AL) (linguística em aplicação), assume-se que só a aplicação direta e unilateral de conceitos e termos com origem na investigação linguística pode reformular o problema. Vistos, neste prisma, os problemas linguísticos sujeitam-se a soluções linguísticas. Já na LA a intervenção deve equiparar-se mais a uma questão de mediação (ver Widdowson, 2000). O autor acrescenta que, no caso da LA, está em jogo um processo multilateral que contempla a conciliação e a relação de diferentes representações da realidade. A representação linguística será decerto uma constante, não podendo ser, contudo, postas de lado outras representações, já que se deve partir do pressuposto de que se trata de “um campo com múltiplos centros” (Rampton, 2006, p. 109).

A LINGUÍSTICA APLICADA E A PSICOLINGUÍSTICA

A simples menção aos “problemas da língua(gem) do mundo real” (Davies & Elder, 2004, p. 11), tão vinculados à LA, posto que esta tem a ver com a obtenção de conhecimentos importantes quando estão em causa práticas sociais em situação (Moita Lopes, 2006), acarreta consigo uma abrangência de áreas que anuncia o que de problemático existe na sua definição e encaminha igualmente para uma leitura da área/campo de investigação em apreço, que terá porventura muito a ver com o que caracteriza a PL. À PL deve atribuir-se como objeto de estudo o saber linguístico em uso – o estudo do *como* em detrimento do estudo do *quê* (ver Foss & Hakes, 1978) tendo em vista o funcionamento de sujeitos reais (ver também Pinto, 2005) – com implicações de ordem psico-social (Bygate, 2004). Não causa surpresa, por consequência, que Slama-Cazacu (1979), apadrinhe uma definição de PL que sintetiza que, nessa ciência, estão em jogo os processos implicados na codificação e na descodificação quando se concatenam estados da mensagem com estados dos comunicadores. Definição avançada, aliás, por Osgood e Sebeok na obra que marca o aparecimento da PL e cuja origem pode ser localizada na teoria da informação. Essa definição aproxima-se, de resto, do interesse sempre demonstrado por Slama-Cazacu pela comunicação e pelo contexto (Slama-Cazacu, 1961; 2005/2006).

Será precisamente essa forma de a autora ver a PL que a conduz a afirmar, sem quaisquer rodeios, que a psicolinguística “*propriamente dita*” se revela sociopsicolinguística quando atende a situações reais de comunicação, a factos reais e ao que os motiva socialmente (Slama-Cazacu, 1979, p. 62).

Comenta ainda esta académica que a existência implícita na PL de uma sociopsicolinguística permite distingui-la da psicologia social e da psicologia geral da linguagem e torna-a até mais abrangente do que essas áreas em resultado das implicações interdisciplinares que mantém com a linguística teórica e aplicada. Além disso, esta leitura da PL também a distingue de uma mera linguística teórica ou aplicada, dado que, voltando à imagem do telescópio usada na primeira citação deste texto, o que se observar através de lentes psicolinguísticas só pode ser um objeto resultante de interligações com diversas áreas de saber. Desta forma, um investigador que detenha um leque mais amplo de saberes interligados com a linguagem, nele incluído igualmente um do foro neurológico, pode ir a uma outra profundidade quando desce às raízes que sustentam o objeto em análise.

Conquanto as ligações da linguagem à Psicologia e à Neurologia já possam ser vistas no século XIX – um século muito rico nesse âmbito e que influenciou o que veio a ser posteriormente desenvolvido na área da Psicolinguística e da Neurolinguística (Caplan, 1987) –, poderá admitir-se, parafraseando Slama-Cazacu (1979), que foi especialmente no decurso do século passado que se começou a ver na linguagem um fenómeno muito complexo cujo estudo requeria a confluência de diferentes áreas do saber.

O SURGIMENTO OFICIAL DA PSICOLINGUÍSTICA

Em meados do século XX, a conjuntura manifestava-se então propícia ao surgimento, com cédula passada, da designação PL, no intento de cunhar o que psicólogos e linguistas pretendiam estudar ao cruzarem perspetivas que visassem o estudo da linguagem de modo mais completo. O termo “psicolinguística”, como procede Slama-Cazacu (1979, p. 35), “refletiu uma necessidade real na evolução das ciências”. Tudo faz crer que “não foi apenas um nome que ensinou uma disciplina nova” (Slama-Cazacu, 1979, p. 35).

Não havendo consenso em relação ao ano da década de cinquenta do século pretérito em que a PL começou a sua existência como área disciplinar e não querendo subestimar todos os esforços que podem ter tido origem no enfoque especial dado à linguagem por Wilhelm Wundt, que criou, em 1879, o primeiro Laboratório de Psicologia Experimental em Leibniz, a data que normalmente marca o arranque da PL é 1954, ano da publicação do volume “Psycholinguistics. A survey of theory and research problems”, organizado por Osgood e Sebeok. No fim do prefácio a este volume, datado de 1 de dezembro de 1953, os organizadores assumem, com uma honestidade só própria

dos grandes cientistas, que estão a oferecer um plano ainda imperfeito da PL que, na sua opinião, virá a ser um assunto relevante de investigação (Slama-Cazacu, 1972).

Apesar de 1951, ano da realização na Universidade de Cornell, sob a égide do *Social Science Research Council*, de um seminário com especialistas de Psicologia e de Linguística que tentavam clarificar as ligações entre as duas especialidades (Slama-Cazacu, 1972), e de 1952, ano igualmente aventado para a fundação oficial da Psicolinguística por Osgood, Carroll e Miller (Bonckart et al., 1983), também figurarem aliados à origem da Psicolinguística, acontece que, como frisa Titone (1979), é no dito volume de 1954, organizado por Osgood e Sebeok, que se pode encontrar uma melhor definição da Psicolinguística, quer no plano conceptual, quer no metodológico, quer no que concerne aos seus limites.

A definição de trabalho da PL que ocorre na obra organizada por Osgood, psicólogo, e por Sebeok, antropólogo linguista, (Osgood & Sebeok, 1954, p. 4), inspirada na teoria da informação, é a seguinte: “«psycholinguistics deals directly with the processes of encoding and decoding as they relate states of messages to states of communicators»” (Slama-Cazacu, 1972, p. 14). Desta definição, ressalta o interesse pelo que se passa nos processos de codificação e descodificação de mensagens tendo em conta “a situação real da comunicação no contexto relacional e dinâmico das trocas entre emissor(es) e receptor(es)” (Slama-Cazacu, 1979, p. 62). Não se estranhe, pois, que em causa esteja algo mais do que uma abordagem interdisciplinar, porquanto os avanços tanto teóricos como tecnológicos verificados também contribuíram para olhar o objeto de estudo de forma multidisciplinar.

Que se deve então entender por PL?

A resposta a esta pergunta só pode ser retomada de alguém que deu um contributo muito especial ao incremento da PL como ciência. E essa personalidade é incontestavelmente, como este texto já tem deixado muito explícito, Tatiana Slama-Cazacu. Para esta académica, os desenvolvimentos que acompanharam a PL ao longo da segunda década do século XX fazem com que esta transcenda um simples “domínio interdisciplinar” e passe a ser uma “Ciência” com conexões “multidisciplinares” (Slama-Cazacu, 2007, p. 80).

Se a PL for vista dessa forma, ela ajusta-se mais a “um estudo completo da Linguagem e da Comunicação” (Slama-Cazacu, 2007, p. 80), uma vez que não fornece de ambas uma abordagem unilateral, como fará a Pragmática. A PL, quando bem interpretada, continua Slama-Cazacu, oferece mais vantagens

porque vai à raiz desses processos, porque fornece um ângulo quase completo da linguagem e da comunicação. Isso verifica-se porque a PL é uma ciência explicativa, que estabelece elos entre os factos da linguagem e as bases psicológicas de quem se encontra envolvido nesses processos (ver Slama-Cazacu, 2007, pp. 80-81). Nesta ótica, seguindo a mesma fonte, só se pode falar numa abordagem psicolinguística quando se explicam em profundidade os factos da linguagem do ponto de vista psicológico e social. Interessa, por conseguinte, sondar uma explicação psicológica para os factos de linguagem e não ficar à superfície dos mesmos. Convém, ainda, ter sempre presente a seguinte questão metodológica:

Que motivou uma determinada pessoa a ter este e não outro desempenho verbal numa dada situação?

Não basta que o investigador revele só o que encontrou. Tem também de poder explicar à comunidade científica o que fez o participante do seu estudo chegar ao que ele encontrou.

É evidente que para que a PL seja uma ciência explicativa tem de atender, conforme alerta Slama-Cazacu (2007), a realidades concretas e não a meras abstrações. Dessa posição, de acordo com esta autora, resultam duas consequências: uma relativa às metodologias usadas para investigar as ditas realidades concretas e outra aos aspetos práticos que pode oferecer ao viabilizar ligações com a realidade da vida.

Gera-se assim a necessidade de abordar a realidade através de métodos que possam levar à raiz dos factos. Para isso, é imprescindível o recurso à investigação empírica, ao método experimental clássico (Slama-Cazacu, 2007).

Ademais, reveste-se da maior pertinência ver na PL uma ciência aplicada que, ao procurar estudar como atuam os mais variados sujeitos reais nas mais diversas situações concretas, é caracterizada por uma abordagem que outorga por si só soluções para a vida prática, o que se consubstancia, afinal, na sua essência.

Que desafios podem, então, ser colocados à PL como ciência que objetiva também solucionar problemas da vida prática?

Por certo, para que se encontrem soluções para a vida prática em diferentes atividades, muito já teve de ser investido a fim de se conhecerem os agentes nelas envolvidos e a sua atuação. A incursão no modo como esses agentes processam a informação em diferentes contextos também é, porém, devida a uma abordagem explicativa, da ordem da PL, que se dedique a acoplar, como já foi enunciado, factos da linguagem com o que lhes subjaz de ordem psicológica.

ATIVIDADES NO SÉCULO XXI QUE BENEFICIAM COM A PSICOLINGÜÍSTICA APLICADA

São várias as atividades do século XXI que podem tirar proveito de uma abordagem psicolinguística e que, dessa forma, podem abrir visões fundamentadas a quem as pratique ou, sendo esse o caso, as abrace profissionalmente.

Slama-Cazacu, em 2007, elencava diferentes tarefas da PL neste século, que aqui se retomam de um modo muito resumido: 1) diversificadas atividades de comunicação, escrita e oral, mediadas pelas novas tecnologias; 2) atividades decorrentes de ações políticas com um especial destaque, tão do seu gosto, para o uso e os efeitos da “*langue de bois*” (Slama-Cazacu, 1996) e para o efeito manipulador e tóxico da comunicação (Slama-Cazacu, 2012); 3) atividades relacionadas com o comércio, com os tribunais, com a tradução, com atitudes individuais que tendam a preservar a própria língua, com doenças de vários tipos, com a comunicação em novos processos educativos, com modalidades de comunicação no quadro das relações públicas e para obtenção de empregos; e 4) atividades associadas a alterações psicológicas do Homem (mudanças de comunicação que se verifiquem nas crianças, nos adolescentes e nos idosos; mudanças nas relações afetivas humanas que possam atingir a comunicação; possíveis modificações no córtex motivadas pelo desenvolvimento de novas habilidades de leitura e de escrita em consequência do uso das novas tecnologias mediadas por computador) (ver Slama-Cazacu, 2007, pp. 82-83).

Que exemplos mais concretos podem ser elencados para mostrar o papel de relevo que tem a PL(A) na atualidade e que ultrapassa o que uma simples L pode deter, mesmo quando se pensa numa LA?

Seguem-se algumas propostas: 1) a aquisição/aprendizagem de novas línguas por sujeitos plurilingues num prisma psicolinguístico e os contributos daí advenientes para o ensino de línguas; 2) a explicação da aquisição de subsistemas linguísticos em determinados momentos da vida da criança (ver, entre outros, Sinclair & Bronckart, 1972; Sinclair & Ferreiro, 1970; Sinclair et al., 1976; Sinclair De Zwart, 1967) para que não se confunda a aquisição da linguagem, na sua complexidade, com a “*childhood language*”, mais de índole da aplicação da Linguística; 3) a criação publicitária e o que lhe estará subjacente em matéria de conhecimento do processamento da informação por parte do destinatário para que se alcance o sucesso almejado; 4) a reeducação da linguagem na criança tendo em vista pressupostos sociopsicolinguísticos;

5) o impacto do conhecimento que possa advir de uma abordagem psicolinguística do processamento da linguagem oral e escrita para fins terapêuticos; 6) a influência de uma leitura psicolinguística de desempenhos verbais desviantes para a categorização de síndromes; 7) a abordagem psicolinguística ao processo de alfabetização e os seus contributos práticos; 8) as pausas no discurso vistas à luz da PL; 9) o papel da PL na criação de softwares que visem manipular as discontinuidades que possam ocorrer nos discursos de forma a aproximá-los de edições normais; 10) a adequação de formas de escrita a processamentos mais rápidos da informação em função dos meios utilizados; e 11) a linguagem e o envelhecimento.

A LINGUAGEM E O ENVELHECIMENTO

De entre as propostas apresentadas, a que tem por objeto o efeito do envelhecimento na linguagem foi a selecionada para, a partir deste momento, ser sucintamente equacionada, porquanto, na atualidade e nas décadas que se avizinham, constitui(rá) seguramente uma temática que merece(rá) uma atenção particular por parte de estudiosos e também de decisores políticos em virtude do envelhecimento que se está a registar na população.

A proposta escolhida, como se pode depreender, vai exigir que não se foque a atenção unicamente na língua, objeto da L, ou que não se tome uma visão estritamente modularista se o enfoque estiver na linguagem. Isto porque, se a linguagem for tida como resultado de um processamento por parte de um sujeito real, o desenho do seu estudo terá de revestir outra configuração.

Tendo em atenção o idoso num todo, é impossível considerar a linguagem isoladamente como se de um órgão estanque se tratasse. Essa atitude só pode coadunar-se com um exercício de abstração admitido por certos tipos de investigação.

O idoso é um ser vivo que, com o desenrolar dos anos, vai perdendo a capacidade de manter incólumes as suas funções cognitivas, motoras, sensoriais e outras que não deixam de ter implicações na linguagem, vista agora numa perspetiva menos modularista e mais cognitivista (Fraile & Bialystok, 2008).

Sabe-se hoje que existem recursos cognitivos que tendem a declinar com a idade. De entre eles, podem ser listados: a velocidade do processamento, a memória operatória, o limiar de atenção e os mecanismos de inibição. Todos eles sofrem com as mudanças que se registam no substrato neural e todos

eles são chamados a atuar no processamento da linguagem (ver, para uma leitura mais crítica deste assunto, Singleton, 2018).

Nesta linha, adianta também Park (2000) que quatro mecanismos hipoteticamente responsáveis pelas diferenças operadas pela idade no funcionamento cognitivo são: a velocidade de processamento da informação – as pessoas tornam-se mais lentas com a idade (ver Juncos Rabadán 1998); a função da memória operatória (ver também Juncos Rabadán 1998); a função inibitória (ver, ainda, Juncos Rabadán, 1998) e a função sensorial (ver, de novo, Juncos Rabadán, 1998) sobretudo em relação à audição, que pode impedir uma boa compreensão do material verbal e perturbar a comunicação, mas também no atinente à visão (Ramírez Gómez, 2016).

Não surpreende, por conseguinte, que os falantes mais velhos apresentem défices de compreensão de um discurso que seja mais rápido, bem como de compreensão e de produção de uma sintaxe mais complexa, e de recuperação de palavras (Keijzer & Schmid, 2017).

As seguintes citações dão conta de que se verifica um declínio da linguagem com a idade e de que a prática regular, desde sempre, de tarefas que exijam mais esforço cognitivo, como é a escrita, pode favorecer uma maior conservação da qualidade da linguagem e oferecer resistência a desempenhos indesejados:

é inequívoco que a capacidade linguística nos adultos jovens é um preditor da capacidade linguística em fases mais avançadas da vida e que a capacidade linguística declina gradualmente ao longo da existência (Kemper et al., 2001, p. 238) e é possível identificar pessoas que estejam em risco de desenvolver perturbações cognitivas em fases avançadas da vida medindo a sua capacidade linguística (densidade de ideias) quando são adultos jovens (Riley et al., 2005, p. 346). (Ver também Pinto, 2014, p. 142)

As pessoas idosas que apresentam níveis menos elevados de deterioração têm mais controlo em todas as facetas das suas existências, diversificam as suas ações, realizam atividades criativas e tomam decisões. O controlo, a diversificação, a criação e a tomada de decisões revelam-se determinantes porque contribuem para ativar tanto os mecanismos atencionais, que permitem operar escolhas entre diversas possibilidades, como os mecanismos inibidores, que bloqueiam alternativas irrelevantes (Juncos Rabadán, 1998).

Ademais, a sua vida parece estar cheia de automatismos e de rotinas que lhes proporcionarão mais segurança na sua vida diária. Poderá observar-se que os que vivem no seio da família ou em residências organizam ou veem organizada a sua vida em função de atividades rotineiras que lhes permitem compensar as suas perdas sensoriais, motoras e de memória. Também na linguagem e na comunicação é possível constatar que os idosos apresentam limitações e repetições nos seus repertórios e nos seus temas de conversa por força de se refugiarem nesses automatismos (ver, a este propósito, Juncos Rabadán 1998).

Atendendo a que os automatismos não devem reger as vidas desta população, interessa criar-lhes situações que constituam entrave a rotinas que, se persistirem, podem muito bem acabar por “cristalizá-los”. Torna-se, então, importante que passem desses automatismos, assentes em repertórios já gastos pelo seu uso constante e que não carecem de grande esforço de ordem cognitiva, a desempenhos que obriguem ao acionamento de atos voluntários como, por exemplo, o tomar de decisões, com tudo o que isso implica também em matéria de substrato neural.

As dificuldades evidenciadas pelos mais velhos na evocação dos nomes, na compreensão e produção de orações complexas e na compreensão e produção de textos ou histórias (todas elas caracterizadas por maiores tempos de reação) resultam também de uma deterioração nos processos automáticos (Juncos Rabadán, 1994). No final, não serão só os processos voluntários que se alteram. Os automáticos também sofrem modificações.

Se houver insistência nos atos voluntários, os atos automáticos passam a lutar com eles. A escrita, as situações de teste e a escolaridade podem ajudar. No caso da escrita e da situação de teste, uma maior participação nesses processos voluntários compensa as dificuldades nos processos automáticos.

Para Juncos-Rabadán (1996), os anos de escolarização apresentam uma correlação negativa com a ocorrência de narrativas que comportem um maior número de frases descritivas e de marcadores de deixis de lugar, mostrando que as pessoas com menos habilitações literárias tendem a usar mais a cronologia estática e a referência exofórica, em detrimento do recurso à cronologia dinâmica, interpretativa (Girolami-Boulinier, 1984), do que as que detêm um nível de escolarização mais elevado. O nível de escolarização também interfere no número de frases tangenciais produzidas, como observa Juncos Rabadán (1996) com base nos dados recolhidos em idosos. Esta constatação não deveria surpreender porque se espera que as habilitações literárias pro-

piciem um fortalecimento das habilidades metacognitivas que contribuirão, de um modo geral, para a redução das dificuldades e se revelarão basilares para capacidades como, por exemplo, a capacidade narrativa.

Não obstante a escolaridade poder ser uma variável relevante, os hábitos de leitura e provavelmente de escrita, bem como as profissões exercidas, também jogam em favor de uma linguagem mais rica. Não se podem excluir, na qualidade de variáveis que favorecem a diferenciação de perfis nos vários desempenhos observáveis e não apenas nos verbais, os mais diversificados percursos de vida e as atividades de lazer – intelectuais ou físicas – que possam ter sido praticadas.

De qualquer forma, verifica-se sempre, em particular nos subgrupos mais velhos da designada população idosa – que vai dos 65 anos de idade até aos centenários – uma deterioração linguística, independentemente das tarefas (orais-escritas, espontâneas-situação de teste), do nível de escolaridade (Kemper et al., 2001) e mesmo do meio de onde provêm (Girolami-Boulinier, 1983; 1990).

A intervenção deve, por isso, mitigar a deterioração dos processos atencionais e inibidores por meio de atividades que facilitem a ativação de processos voluntários e a tomada de decisões.

Uma proposta de intervenção passará, por exemplo, pela criação de grupos de linguagem destinados a esta população (Girolami-Boulinier, 1989; 1990) e pela prática da escrita. Coloca-se uma ênfase especial na escrita, como processo cognitivo de uma exigência peculiar, porque obriga a uma ativação da metacognição que ajudará a criar a distância conducente a uma manipulação mais efetiva de diferentes materiais (Juncos Rabadán, 1996).

A escrita corresponde, por isso, a uma tarefa exigente em matéria de atos voluntários e a sua prática, se bem orientada, reveste-se, sem dúvida, de relevância num programa de intervenção junto de populações mais idosas.

Num mundo multilingue como o atual, resta lembrar as vantagens do bilinguismo, visto na sua leitura menos maximalista (Paradis, 2004), ou seja, mais bilingue e menos monolingue Grosjean (1992). Essas vantagens repercutir-se-ão nomeadamente no controlo cognitivo, o que equivale a dizer nos mecanismos atencionais e inibitórios já realçados, bem como na capacidade metacognitiva, que cobrem, no essencial, a cognição quando se alude ao envelhecimento. (Ver Bialystok & Sullivan (Eds.) 2017.) Neste contexto, cabe aditar o que de benéfico pode também significar a aprendizagem de línguas

adicionais (ver, entre outros, Kliesch et al., 2018). A concluir esta secção e a reforçar o que foi sendo relatado, só pode acrescentar-se que quem quiser analisar a linguagem dos idosos tem de estar consciente não só da complexidade intrínseca a essa faculdade, mas também da natureza heterogénea da população que escolheu para o seu estudo. As diferenças individuais estão lá e não podem ser obliteradas sem pôr em risco a investigação.

CONCLUSÃO

Tudo o que foi aduzido em torno da linguagem no idoso só pôde ter sido equacionado tomando por base as relações existentes entre a linguagem e os processos psicológicos que a sustentam e acompanham, todos eles dependentes evidentemente do respetivo substrato neural. A leitura fornecida do que se passa na linguagem do idoso respalda-se essencialmente, importa sublinhar, em estudos psicolinguísticos. Através desse modo englobante, porque tantas vezes multidisciplinar de investigar a linguagem, busca-se chegar a resultados que apontem para o que se pode fazer na prática a fim de minimizar ou contrariar certos quadros encontrados. Os ensinamentos que vierem a ser retirados de tais estudos, que buscam analisar o efeito do envelhecimento na linguagem com a finalidade de solucionar problemas da vida real na população idosa, compaginam-se, em síntese, com o que a se espera da PL, na qualidade de ciência também aplicada.

Tópicos de interesse no campo da linguagem, como os enumerados na secção deste texto a isso destinada, podem ser, naturalmente, objeto de uma abordagem psicolinguística que possibilite o seu estudo de uma forma mais abrangente. Uma abordagem desse cariz faz justiça à complexidade inerente à linguagem e tem a vantagem de, com os resultados assim obtidos, se conjugar o lado aplicado da Psicolinguística, por ação do seu característico método experimental, com o seu consequente lado prático, solucionando, assim se augura, toda uma gama de problemas da vida real. Posto isto, a resposta ao subtítulo deste texto só pode ser, sem qualquer hesitação, afirmativa.

A todos quantos se dedicam ao estudo da linguagem, deixa-se o repto de, nos seus filões de investigação, nunca esquecerem que o seu objeto de estudo não se confina a ser olhado unicamente através de um telescópio que seja colocado, retomando as palavras de Davies (1999, pp. 95-96), “com a extremidade mais larga junto da vista, focando somente a língua/linguagem e excluindo tudo o resto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bronckart, J.-P., Kail, M., & Noizet, G. (1983). Conclusion. L'avenir de la psycholinguistique de l'enfant. In J.-P. Bronckart, M. Kail, & G. Noizet (Orgs.). *Psycholinguistique de l'enfant. Recherches sur l'acquisition du langage*. (pp. 261-277). Neuchâtel/Paris: Delachaux et Niestlé.

Bialystok, E., & Sullivan, M. D. (Eds.). (2017). *Growing old with two languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Bygate, M. (2004). Some current trends in applied linguistics. Towards a generic view. *AILA Review*, 17, 6-22.

Bygate, M. (2005). Applied linguistics: a pragmatic discipline, a generic discipline? *Applied Linguistics*, 26(4), 568-581.

Caplan, D. (1987). *Neurolinguistics and linguistic aphasiology. An introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.

Corder, S. P. (1973). Linguistic theory and applied linguistics. In S. P. Corder, & E. Roulet (Comps.). *Theoretical linguistic models in applied linguistics*. (pp. 11-19). Bruxelles/Paris: AIMA-Didier. Referido por Slama-Cazacu (1979, p. 31).

Craik, F. I. M., & Bialystok, E. (2008). Lifespan cognitive development. The roles of representation and control. In F. I. M. Craik, & T. A. Salthouse (Eds.). *The handbook of aging and cognition*. Third edition. (pp. 557-601). New York and Hove: Psychology Press, Taylor & Francis Group.

Davies, A. (1999). *An introduction to Applied Linguistics. From practice to theory*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

Davies, A., & Elder, C. (2004). General introduction. Applied linguistics: subject to discipline? In A. Davies, & C. Elder (Eds.). *The handbook of applied linguistics*. (pp. 1-15). Oxford: Blackwell. [versão consultada: Paperback, 2006].

Foss, D. J., & Hakes, D. T. (1978). *Psycholinguistics. An introduction to the psychology of language*. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall.

Girolami-Boulinier, A. (1983). Le langage... des 90 ans. *Communication et Langues*, 58, 29-37.

Girolami-Boulinier, A. (1984). Les niveaux actuels dans la pratique du langage oral et écrit. Paris: Masson.

Girolami-Boulinier, A. (1989). Intérêt de ces groupes et thèmes pratiques. *Rééducation Orthophonique*, 27 (157), 67-74.

Girolami-Boulinier, A. (1990). Intérêt d'un soutien orthophonique auprès de la personne âgée. *Revue de Laryngologie*, 111 (4), 315-318.

Gomes de Matos, F. (2000). *Linguística aplicada 2. Enciclopedia Luso-Brasileira de Cultura*. Edição Século XXI. (pp. 1286-1288). Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.

Grosjean, F. (1992). Another view of bilingualism. In R. J. Harris (Ed.). *Cognitive processing in bilinguals*. (pp. 51-62). Amsterdam: North-Holland Elsevier Science Publishers B. V.

Juncos Rabadán, O. (1994). Lenguaje y envejecimiento. Una aproximación cognitiva. *Cognitiva*, 6 (2): 189-211.

Juncos-Rabadán, O. (1996). Narrative speech in the elderly: effects of age and education on telling stories. *International Journal of Behavioral Development*, 19 (3), 669-685.

Juncos Rabadán, O. (1998). Involución y deterioro en el desarrollo del lenguaje. In O. Juncos Rabadán. *Lenguaje y envejecimiento. Bases para la intervención*. (pp. 1-20). Barcelona: Masson, S.A.

Keijzer, M. C. J., & Schmid, M. S. (2017). Individual differences in cognitive control advantages of elderly late Dutch-English bilinguals. In E. Bialystok, & M. D. Sullivan (Eds.). *Growing old with two languages. Effects of bilingualism on cognitive aging*. (pp. 77-98). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Kemper, S., Greiner, L. H., Marquis, J. G., Prenovost, K., & Mitzner, T. L. (2001). Language decline across the life span: findings from the nun study. *Psychology and Aging*, 16 (2), 227-239.

Kliesch, M., Giroud, N., Pfenninger, S. F., & Meyer, M. (2018). Research on second language acquisition in old adulthood: What we have and what we need. In D. Gabrys-Baker (Ed.). *Third age learners of foreign languages*. (pp. 48-75). Bristol: Multilingual Matters.

Moita Lopes, L. P. da (2006). Introdução. Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica. Interrogando o campo como linguista aplicado. In L. P. da Moita Lopes (Org.). Por uma lingüística aplicada indisciplinar. (pp. 13-44). São Paulo SP: Parábola.

Osgood, C., & Sebeok, T. A. (Eds.). (1954). Psycholinguistics. A survey of theory and research problems. Bloomington: Indiana University Press/Baltimore Waverly Press. (2.^a edição: 1965, com: A. R. Diebold Jr., A survey of psycholinguistic research 1954-1964, e: G. Miller, The psycholinguistics. On the new scientists of language. Referido por T. Slama-Cazacu, 1972.)

Paradis, M. (2004). A neurolinguistic theory of bilingualism. Amsterdam/Philadelphia. John Benjamins Publishing Company.

Park, D. C. (2000). The basic mechanisms accounting for age-related decline in cognitive function. In D. C. Park, & N. Schwarz (Eds.). Cognitive aging: A primer. (pp. 3-21). Philadelphia: Psychology Press/Taylor & Francis Group.

Pinto, M. da G. L. C. (2005). Da psicolingüística: um verbete que se tornou ensaio. In: G. M. Rio-Torto, O. M. Figueiredo, & F. Silva (Coord.). Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela. (pp. 571-583). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, II.

Pinto, M. da G. L. C. (2014). A escrita. O papel da universidade na sua otimização. Cadernos de Apoio Pedagógico da FLUP C07. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Rajagopalan, K. (2006). Repensar o papel da lingüística aplicada. In L. P. da Moita Lopes (Org.). Por uma lingüística indisciplinar. (pp. 149-168). São Paulo SP: Parábola.

Ramírez Gómez, D. (2016). Language teaching and the older adult. The significance of experience. Bristol, Buffalo: Multilingual Matters.

Rampton, B. (2006). Continuidade e mudança nas visões de sociedade em lingüística aplicada. In L. A. da Moita Lopes (Org.). Por uma lingüística indisciplinar. (pp. 109-128). São Paulo SP: Parábola Editorial.

Riley, K. P., Snowdon, D. A., Desrosiers, M. F., & Markesbery, W. R. (2005). Early life linguistic ability, late life cognitive function, and neuropathology: findings from the Nun Study. *Neurobiology of Aging*, 26, 341-347.

Sinclair, H., & Bronckart, J.-P. (1972). SVO. A linguistic universal? A study in developmental psycholinguistics. *Journal of Experimental Child Psychology*, 14 (3), 329-348.

Sinclair, H., & Ferreiro, E. (1970). Etude génétique de la compréhension, production et répétition des phrases au mode passif. *Archives de Psychologie*. XLI (160), 1-42.

Sinclair, H. J., Berthoud-Papandropoulou, J., Bronckart, J.-P., Chipman, H., Ferreiro, E., & Rappe du Cher, E. (1976). Recherches en psycholinguistique génétique. *Archives de Psychologie*, XLIV (171), 157-175.

Sinclair De Zwart, H. (1967). Acquisition du langage et développement de la pensée. Sous-systèmes linguistiques et opérations concrètes. Paris: Dunod.

Singleton, D. (2018). Really late learners: Some research contexts and some practical hints. In D. Gabrys-Baker (Ed.). *Third age learners of foreign languages*. (pp. 19-30). Bristol: Multilingual Matters.

Slama-Cazacu, T. (1961). Langage et contexte. Le problème du langage dans la conception de l'expression et de l'interprétation par des organisations contextuelles. The Hague, The Netherlands: Mouton & Co.

Slama-Cazacu, T. (1972). La psycholinguistique. Paris: Klincksieck

Slama-Cazacu, T. (1979). Psicolingüística aplicada ao ensino de línguas. São Paulo SP: Livraria Pioneira.

Slama-Cazacu, T. (1996). Specific stereotypes in language and communication: The "langue de bois" (Special reference to an Eastern European country). *International Journal of Psycholinguistics*, 12 (2), 213-250.

Slama-Cazacu, T. (2005/2006). A brief history of the term contexto and its implications. *International Society of Applied Psycholinguistics Bulletin* XIII/n.2, Sept. 2005 and XIV/n.1 April 2006.

Slama-Cazacu, T. (2007). Psycholinguistics, where to in the 21st century. In: Januz Arabski (Ed.). *Challenging tasks for psycholinguistics in the new century*. (pp. 77-85). Katowice: University of Silesia.

Slama-Cazacu, T. (2012). Inaugural key-note address. Psycholinguistic research against malignant communication: On intoxication. In G. Mininni, & A. Manuti (Eds.). Applied psycholinguistics. Positive effects and ethical perspectives. Vol.I. (pp. 23-36). Milano: FrancoAngeli.

Titone, R. (1979). Psycholinguistique appliquée. Paris: Payot. Versão original italiana: 1971.

Tucker, G. R. (s/d). Applied Linguistics. 2 p. Disponível na web em <http://lsadc.org/info/ling-fieldsapplied.cfm>, acedido em 03-07-2006.

Widdowson, H. G. (1980). Models and fictions. Applied Linguistics, 1, 165-170.
Widdowson, H. G. (2000). On the limitations of linguistics applied. Applied Linguistics, 21(1), 3-25.